

OBSERVAÇÃO DE FATORES DE ORDEM CULTURAL NA INTERPRETAÇÃO DOS ESPAÇOS ¹

BRASILEIRO, Alice (1); DUARTE, Cristiane (2); RHEINGANTZ, Paulo (3)

(1) PROARQ, FAU-UFRJ, alicebrasileiro@uol.com.br

(2) PROARQ, FAU-UFRJ, cristianeduarte@hotmail.com

(3) PROARQ, FAU-UFRJ, par@ufrj.br

RESUMO

Fatores subjetivos, de caráter cultural, podem fazer com que um mesmo espaço seja interpretado de maneiras diversas, por diferentes usuários. Essa interpretação se revela nos fenômenos de territorialização, apropriação e personalização, promovidos por diferentes usuários de várias unidades habitacionais idênticas entre si. O estudo aqui apresentado, feito no alojamento de estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, procura mostrar que por mais que o espaço euclidiano seja o mesmo, cada usuário que domina o território imprime nele uma marca própria, um sinal que transmita mensagens sobre si mesmo, com informações sobre sua origem, crenças, aspirações, visão de mundo, gostos pessoais. Assim, utilizando uma análise etnográfica, foi possível detectar como os alunos personalizam seu espaço e como a relação com outros estudantes se modifica através do uso deste espaço. Pelas mensagens que o usuário deixa impressas no seu quarto, foi possível verificar que este carrega consigo significados intrínsecos, com elementos culturalmente reconhecidos e valores agregados a cada mensagem transmitida.

Palavras-chave: valores culturais, territorialização, apropriação, personalização de espaços

1. INTRODUÇÃO

O interesse pela realização deste estudo tem origem no questionamento de que poderiam surgir diferenças na avaliação de desempenho ambiental de um determinado espaço se esta fosse feita por usuários com diferentes origens regionais. Este trabalho se insere numa pesquisa maior, desenvolvida no PROARQ, que tem como um dos seus objetivos verificar até que ponto a cultura de um usuário exerce influência na sua avaliação de desempenho ambiental. Na tentativa de isolar um único item dentro de *cultura* (no caso, o item escolhido foi a origem regional), teve início então este experimento.

Por razões que serão explicitadas mais adiante, foi escolhido como suporte espacial para estudo o alojamento de estudantes da UFRJ. Porém, após as primeiras idas a campo, foi possível perceber que a origem dos estudantes não gerava nenhum fator diferencial de avaliação do espaço. Tanto aqueles provenientes das regiões norte e nordeste, quanto os da região sul e até mesmo os egressos do Rio de Janeiro mantiveram o alojamento num mesmo nível conceitual². Por meio de entrevistas etnográficas seguidas de questionários, foram analisados itens como tolerância a ruídos, demarcação dos limites de privacidade, o uso do módulo (se fazia ou não as refeições no local, em que lugar e de que modo; onde armazenava alimentos; posição preferencial da cama). Provavelmente devido ao tamanho e à padronização dos quartos, ficou evidente a postura semelhante da maioria dos alunos entrevistados em relação aos itens pesquisados.

Apesar disso, um fato nos chamou a atenção: a individualidade dos alunos expressa na forma de personalizar o seu quarto, de marcar o seu território, provavelmente também estimulado pela padronização dos ambientes internos. Ainda assim, isso acontecia de forma independente da origem regional do estudante. Por esta razão, a pesquisa foi redirecionada para o estudo da personalização dos espaços em suportes ambientais idênticos (no caso, os quartos do alojamento), com o objetivo de compreender melhor como e porquê estes fenômenos ocorrem.

¹ Apresentado e publicado nos Anais do ENTAC'2004.

² É pertinente neste momento salientar as condições insatisfatórias de manutenção do prédio, o que acaba por causar um sentimento generalizado de insatisfação em relação ao espaço. Acreditamos que este fato também contribuiu para a avaliação quase homogênea dos ambientes pesquisados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A personalização do espaço

O tipo de organização dada ao espaço é conseqüência de julgamentos e escolhas que refletem valores e atitudes culturais e subjetivas do seu ocupante. Segundo Rapoport (1972), a *personalização* é a maneira humana de definir território, como se o espaço fosse uma extensão de nós mesmos. Demarcamos nosso território para expressar que aquele é o nosso espaço, para fazer com que ele expresse também quem nós somos. Bachelard³ sugere que assim como alguns espaços físicos se conformam em “casa”, outros não; psiquicamente, há um reflexo dessa relação no que pode representar o “eu” interior e no que não pode. Assim, a casa está relacionada diretamente ao que representa o interior de uma pessoa, bem como o espaço exterior está relacionado ao que não é aquela pessoa. Ainda segundo este autor, “*a casa é o não-eu que protege o eu*”⁴.

Ao analisar a relação do “quarto” enquanto espaço privativo e da “sala” enquanto espaço não privativo, Marcus (1974) nos fala sobre um condomínio urbano em Berkeley-Oakland, visitado por ela, onde foi notado que somente os espaços privativos dos moradores eram decorados com elementos atraentes e altamente pessoais. As salas de estar, ambientes comumente utilizados por seis ou até mais pessoas, possuíam uma decoração mais “esparsa”, impessoal, “clean”, pela dificuldade em se obter um gosto comum entre tantas pessoas diferentes.

Segundo Hall (1994), o espaço é uma linguagem silenciosa que transmite informações a respeito de seus ocupantes. Ao penetrar num território de domínio de alguém, é possível “ler” suas aspirações, seus valores e seus códigos sociais somente olhando o espaço. Desta forma, dentre as casas dos novos-ricos norte-americanos, é comum encontrar móveis tradicionais, do início do século passado, como forma de “validar” a sua posição na sociedade, conquistada pela aquisição recente de poder econômico, mas desprovida de tradição familiar. Esta seria, então, “comprada”, e expressada através da decoração tradicional de suas casas. Serão vistos neste trabalho vários exemplos a esse respeito, casos de alunos que sentem uma grande necessidade (muitas das vezes, inconscientemente) de transmitir mensagens a respeito de si mesmos, e para isso manipulam o espaço de seu quarto.

2.2. Território e apropriação do espaço

Segundo Rapoport (1972), existe uma espécie de “instinto territorial”, onde o caráter sacro da soleira (como marcador, termo usado pelo autor como símbolo de demarcação de territórios étnicos) está ligado à necessidade de definir um território, uma “esfera de espaço individual”. A demarcação do interior/exterior, “meu espaço”/ “não meu espaço” pode estar ligado também à caracterização do sagrado/profano (ELIADE, 2001). Interior, protegido, sagrado, “meu espaço”, é de domínio pessoal. Já o exterior é o seu oposto, inseguro, profano, “não meu espaço”. É a partir desse processo que o homem cria suas raízes e se conecta com o mundo existencial. Nas palavras de Fischer,

“Todo o alojamento é antes de tudo um abrigo no interior do qual um indivíduo se sente protegido; neste sentido, o habitat representaria uma espécie de barreira às intromissões externas; é exactamente porque o ser humano se sente abrigado no seu alojamento que este toma a seus olhos um valor essencial de concha segurizante dentro da qual ele é senhor dos lugares” (FISCHER, 1994, p.129).

O fato de o indivíduo “se sentir em casa” significa que ele dispõe de um espaço pessoal, íntimo, que pode até não ser personalizado, mas que é delimitado por um direito que ele exerce sobre aquele território.

Altman (*apud* FISCHER, 1994) estabeleceu dois tipos de territórios: primário e secundário. O território primário possui um ocupante permanente, ao qual é atribuído o domínio daquele território; exerce também a função de refúgio, e poderia equivaler ao espaço privado. Já o território secundário não é totalmente privado nem totalmente público; ele se presta à utilização de um ou mais grupos, segundo normas próprias de conduta e de acesso a esse espaço.

A territorialização está ligada à marcação de limites, que podem ser físicos ou meramente simbólicos. A

³ Bachelard *apud* Marcus, 1994.

⁴ Bachelard *apud* Santos e Duarte, 2002.

territorialização funciona como agente regulador das fronteiras sociais de cada um dentro do espaço. O físico e o simbólico podem operar em conjunto com a privacidade, se a marcação do território demandar uma separação física e visual. Um exemplo disso são as cortinas utilizadas para demarcar sutilmente os ambientes que fazem o papel de “quarto” em casas de um único cômodo. À noite, este cômodo é dividido em dois ou mais, através do uso de cortinas, barreiras físicas e visuais, porém não fixas. Hall (1994) também sugere que, nas casas americanas de famílias numerosas, quando a mãe é uma figura dominante em relação às filhas que têm suas próprias casas, é ela quem se instala em suas cozinhas quando as visita, invadindo seus territórios individuais.

2.3 Identidade e marcas no espaço

Pela demarcação de território é possível apreender como cada indivíduo personaliza seu espaço (FISCHER, 1994). Além disso, a demarcação do território e a apropriação do espaço também têm influência nos processos de expressão da identidade do usuário. Segundo Almeida (1995), a identidade pode ser experienciada em dois níveis: o individual e o grupal. No primeiro nível, o indivíduo realça a sua própria existência enquanto ser único no mundo; no segundo nível, ele se enquadra como parte de uma sociedade, um grupo de semelhantes. Segundo Fischer, os espaços sempre nos contam histórias, a respeito dos ocupantes individualmente e do grupo que os ocupam. “[O espaço] diz do grupo e ao grupo qual é a sua maneira de viver, de habitar, de trabalhar, de viver socialmente num lugar” (FISCHER, 1994, p. 38). Assim, como é próprio do ser humano, podemos sempre saber sobre uma pessoa observando o espaço que ela ocupa. O espaço *fala* sobre seu ocupante.

Itens como nível de manutenção, limpeza, organização, objetos de decoração, móveis e utensílios tanto podem expressar a demarcação do território (marcadores contra a invasão), a apropriação do espaço (não evidencia necessariamente a prevenção contra invasores, mas as marcas dos seus ocupantes), como também a identidade do usuário (a expressão de que o espaço é ocupado por *aquele* usuário em especial). O espaço pode funcionar, portanto, como indicador para o conhecimento de seus usuários. Segundo Fischer (1994), a territorialização e a apropriação exprimem formas de interação entre o indivíduo e o espaço, e afirmam a expressão do primeiro sobre o segundo. Da mesma forma, isto também ocorre através do mecanismo da expressão da identidade, que está relacionado com os valores que o indivíduo deseja transmitir para a sociedade a respeito de si mesmo. A identidade é marcada por meio de símbolos (WOODWARD, 2000) ou marcas que transmitem significados específicos. Ao utilizar roupas de uma determinada grife ou colar em seu automóvel o adesivo de um time de futebol, por exemplo, o indivíduo quer transmitir uma mensagem sobre sua identidade, e com quais grupos culturais e sociais ele mantém relações identitárias ou mais se considera identificado. É exemplo comum que essa demonstração seja feita pela exibição de qualquer objeto relacionado ao time de futebol (no alojamento, foi visto um aluno oriundo de São Paulo que faz questão de mostrar, no Rio de Janeiro, que é vascaíno, time local desta cidade, ao usar ostensivamente, sobre sua cama, uma colcha com o símbolo do time - ver Fig. 1).



Fig. 1 – A identidade marcada através do símbolo de um time de futebol.

A identidade é, então, construída através do diálogo entre semelhanças e diferenças. Por exemplo: o estudante mencionado acima, que demonstra ser torcedor de um time, assume uma posição de igualdade a um grupo de torcedores deste time que se reconhece por possuir características que vão além das de um mero esporte (quando se diz que "fluminense é arrojado" ou que "vascaíno tem garra" etc.). Ao mesmo tempo, este estudante assume a diferença com relação a quem não torce por este time (quando, por exemplo, mostra que um fluminense NÃO é uma pessoa "do povão", como é dito comumente a respeito

de outros times mais populares entre as grandes massas). É possível, inclusive, que aqueles que não são torcedores de futebol, demarquem sua identidade por meio de seu “pertencimento” às características subjetivas e culturais atribuídas a torcedores de determinado time, incluindo, assim, em seu território, marcas desta tal agremiação.

O mesmo pode ser dito de objetos de decoração, cd's musicais expostos aos olhos do visitante, ou até mesmo os utensílios de trabalho presentes no espaço (no caso de um estudante, o tipo de caneta que ele mantém sobre a mesa, por exemplo).

A respeito dos objetos ou marcas dispostos no espaço, Baudrillard (1997) os agrupa em 3 categorias: os objetos funcionais (de consumo), os objetos não funcionais (obras de arte, antiguidades) e os objetos meta-funcionais (equipamentos eletrônicos). Os funcionais podem ser organizados em duas estruturas: a de ambiência (que combina cores, texturas, formas e materiais) e a de arranjo (que leva em consideração a disposição e a combinação dos objetos, de forma que o espaço transmita valores sociais) (ALMEIDA, 1995). Ainda segundo Baudrillard (1997), a estrutura dos arranjos desvenda aspectos de hierarquia e poder, enquanto a estruturada ambiência desvenda aspectos relacionados ao estilo de vida do indivíduo.

3. LOCAL DA PESQUISA: O ALOJAMENTO

O local escolhido para a pesquisa, o alojamento de estudantes da UFRJ, foi escolhido para tal devido a alguns fatores:

- 1) trata-se de uma habitação, programa arquitetônico sobre o qual temos um particular interesse;
- 2) é uma edificação com espaços individuais padronizados, o que inicialmente, pensamos ser uma espécie de *denominador comum espacial*, permitindo que usuários de diferentes origens procedessem a diferentes avaliações. No entanto, no decorrer do trabalho, constatamos que essa mesma base espacial possuía um campo fértil para estudar a personalização ambiental;
- 3) fica no campus da UFRJ, facilitando o deslocamento do pesquisador;
- 4) faz parte da UFRJ, facilitando a entrada e o contato do pesquisador com o usuário, que pertencem à mesma instituição.

Além disso, outros esclarecimentos a seu respeito merecem ser feitos. O prédio é um projeto de arquitetura modernista, assim como toda cidade universitária, e é formado por um embasamento e duas lâminas de 3 pavimentos cada. Uma constitui o bloco masculino, e a outra, o bloco feminino. No pavimento térreo ficam a administração, o restaurante, espaço para assistir televisão, um espaço para apresentações artísticas e teatrais, com palco e platéia, salas de estudos, marcenaria, depósitos, salas de apoio, sala de vídeo, biblioteca, laboratório de informática e lojas. Os blocos feminino e masculino abrigam um total de 84 módulos com 252 quartos. Cada módulo é uma unidade composta de 3 quartos, um banheiro, uma pequena área de serviço e um corredor interno (ver Fig. 2).

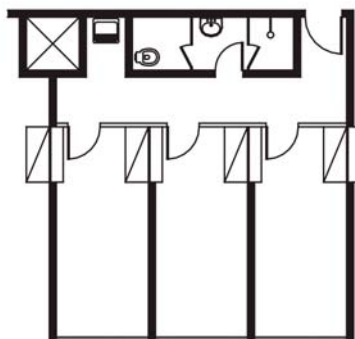


Fig. 2 – Planta baixa do módulo (sem escala).

Residem atualmente 494 estudantes no alojamento, havendo 10 vagas disponíveis⁵. Quando foi concebido, o projeto arquitetônico não contemplou nenhum espaço com a finalidade de produção/consumo de alimentos no interior do módulo, uma vez que na época os estudantes dispunham e dispuseram, durante muitos anos, de um serviço de alimentação no restaurante do térreo, que servia gratuitamente as refeições. Há mais ou menos uma década, isso não mais acontece. Não somente este restaurante como os demais da universidade, que atendiam inclusive aos alunos não alojados, foram desativados pelo governo federal. Atualmente, somente o café da manhã e um lanche da tarde são servidos aos alunos no restaurante. Para provimento das demais refeições, os alunos alojados recebem uma ajuda de custo mensal (mediante algum estágio acadêmico), no valor de R\$240,00. Para poder conseguir se alimentar com esta quantia, a grande maioria dos alunos mantém em seu módulo, hoje em dia, um fogão a gás, para o preparo dos alimentos. Argumentam que comer fora é uma opção muito cara, incompatível com seu poder aquisitivo. Isso gera uma situação extremamente perigosa, com botijões de gás instalados em áreas fechadas e deficientes em termos de ventilação. Durante os encontros, chegamos a ver uma situação onde um aluno mantinha (e usava) um fogão de duas bocas, com seu respectivo botijão, dentro do seu armário, que é feito de madeira.

Também é possível encontrar módulos com geladeiras de uso comum para os 3 ocupantes, ou ainda, quartos com geladeiras e mini-geladeiras de uso exclusivo do seu ocupante. Outros equipamentos domésticos também podem ser encontrados, como forno de microondas e máquina de lavar roupas.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi adotado como método de trabalho a combinação de análise etnográfica e questionário construído a partir desta. Os dados obtidos a partir do questionário não foram adotados neste trabalho, merecendo uma análise mais detalhada numa investigação futura. Foram entrevistados 13 alunos, escolhidos segundo sua origem regional (motivação original do trabalho). Pretendeu-se que a amostra fosse a mais variada possível, com alunos vindos de outros estados, do próprio estado e do município do Rio de Janeiro. A equipe de pesquisa foi composta pelo pesquisador principal e um aluno-colaborador, estudante de graduação da Faculdade de Arquitetura, que também era morador do alojamento.

Com exceção de dois dos alunos entrevistados, todos os demais foram encontrados na presença de, pelo menos, mais um estudante (o aluno-colaborador, que por vezes era amigo do entrevistado); e isso contribuiu para que o “tom” de um encontro possivelmente formal com um desconhecido desse lugar a uma “conversa”. Segundo Edgerton e Langness (1974), num método etnográfico, uma entrevista formal freqüentemente faz com que as pessoas se sintam tensas, rígidas, ao passo que numa conversa descontraída as pessoas se sentem mais soltas para falar e conversar.

Os encontros foram agendados através do aluno-colaborador. Após as três primeiras conversas, algumas das seguintes também puderam ser agendadas por indicação dos próprios entrevistados, formando assim uma cadeia aleatória de usuários. Cada encontro durou, em média, uma hora e meia. O objetivo desse diálogo era passar por um período de impregnação no ambiente do alojamento, conhecer o local, saber como eles ocupam aquele espaço, como vivem, o que fazem quando estão nele. Normalmente, é possível “aprender” sobre as culturas fazendo deduções. Via de regra são usados 3 tipos de informações para processar as deduções culturais: observar o comportamento das pessoas; o que elas fazem e usam – suas roupas e seus objetos (artefatos culturais) – e ouvir o que elas dizem (mensagens faladas) (SPRADLEY, 1980). Fazer essas deduções envolve raciocinar a partir das evidências (que são percebidas) para as premissas (que são supostas).

Algumas perguntas foram utilizadas como fio condutor do diálogo:

- 1) De onde você é?
- 2) Por quê você veio estudar no Rio de Janeiro?
- 3) Como foi o processo de conseguir a vaga no alojamento?
- 4) Qual foi sua primeira impressão ao chegar no seu quarto aqui no alojamento?

⁵ Quando perguntada sobre estas vagas, a pessoa responsável pela administração do prédio nos informou que elas se devem ao período de final do semestre, que no início do próximo estariam todas ocupadas.

Essas 4 perguntas, feitas de maneira informal, foram intercaladas por outras diversas em cada caso, dependendo das respostas do estudante. Como dito anteriormente, elas serviram para travar um contato entre pesquisador e pesquisado. A partir daí, foram sendo extraídas noções de privacidade, de conforto, de uso do espaço, enfim, os elos que o usuário guarda com seu próprio “espaço de morar” atual.

Ao final da conversa, foram feitas fotografias do interior dos quartos, e em alguns casos, dos módulos também.⁶

5. A ANÁLISE ETNOGRÁFICA

Através dos encontros, vários fatos puderam ser observados a respeito do uso do espaço, da marcação de território, da apropriação, da personalização e também da privacidade. Pôde ser visto que de fato, por mais padronizado que fosse o espaço, (e provavelmente esse é um dos motivos – espaços iguais para todos) cada aluno personaliza o quarto à sua maneira, revelando pedaços de suas vidas, mostrando seu jeito de ser e de dizer: “Este é o **meu** quarto!” e, por conseguinte, dizer: “este sou eu”. No entanto, como ponto em comum por praticamente todos os alunos com os quais tivemos contato, e ainda outros, cujas opiniões soubemos através de outros trabalhos realizados no alojamento⁷, vimos a satisfação com a privacidade que se tem no quarto. De fato, um dos alunos disse que o que tornou a sua 1ª impressão positiva sobre o alojamento foi o fato dele ter conhecido anteriormente o alojamento de uma outra universidade, onde, segundo ele, o espaço do quarto era maior, mas era ocupado por dois estudantes. Com surpresa, ouvimos então este aluno nos dizer que a UFRJ é a única universidade pública do país a ter quartos individuais no seu alojamento estudantil.

5.1. Espaço pessoal e territórios: tolerância aos sons e aos odores

Pudemos verificar também que a privacidade que se têm nos quartos interfere nos níveis de tolerância a ruídos e a odores (da mesma forma que já havia detectado Duarte, 1993). Por exemplo, num dos quartos, um aluno convive com um “agregado”⁸ eventual (no caso, a namorada). Ela, também estudante universitária de outra instituição, diz que atualmente reside num pensionato, cujos quartos são grandes, ocupados por três pessoas. Fala que não há falta de espaço, mas há falta de privacidade, até para estudar. Se alguém quer estudar e há outra pessoa assistindo tv, por exemplo, quem quer estudar utiliza uma sala de estudos no pavimento térreo. Da mesma forma, se alguém está dormindo, não se pode assistir televisão. Já no alojamento da UFRJ, ainda que os quartos sejam bem menores, e que se ouçam ruídos vindos de outros quartos ou outros módulos, eles não incomodam tanto, porque são praticados em *outro espaço*. Percebe-se que nesse caso a ausência de contato visual com a fonte emissora, além do pré-entendimento de que cada um está no seu próprio espaço, faz com que os níveis de tolerância sejam maiores. Este mesmo comportamento pôde ser visto em outros casos como o que se segue no trecho do diário de campo elaborado durante as visitas:

*“...mais tarde, conversando sobre usuários de drogas, ela aponta para o módulo ao lado e diz que lá todo mundo usa, e que de vez em quando fazem umas festas muito barulhentas. Além do odor do fumo vir todo para o seu módulo (o quarto dela fica na divisa dos dois módulos), há o som da festa. Ela diz que nessas noites de barulho dorme no quarto do meio, da amiga. Pergunto se ela não reclama na administração. Ela diz que não, **porque eles estão no módulo deles, afinal**; e depois, às 4 da manhã ‘eles têm que parar, né? Eles também se cansam’. Diz que é assim mesmo, não tem porque reclamar”.*

Nesse exemplo, notamos que a aluna troca de quarto como forma de ser menos afetada pelo som que vem do outro módulo, mas ainda assim, há a sua aceitação, porque ela entende que o fato da fonte de ruído se encontrar em outro espaço não constitui uma invasão ao seu território. Esse aumento no nível de tolerância influencia diretamente no relacionamento que um estudante possui com o outro. Apesar de termos visto alguns casos em que os alunos reclamam do som produzido em algum quarto vizinho

⁶ Todas essas conversas ajudaram a moldar as perguntas do questionário que foi aplicado posteriormente. Vinte e seis alunos responderam ao questionário, alguns dos quais já haviam sido previamente entrevistados. Como dito anteriormente, os resultados obtidos a partir desse instrumento merecerão uma investigação mais detalhada futuramente.

⁷ Ver CORREIA, D.; PEREIRA, L.; BARRIENTOS, M. e ROCHA, R. (2002) e PENNA, A.P.; ABRANTES, M. e CIRROTA (2002).

⁸ “Agregado” é o termo utilizado pelos próprios alunos para descrever uma outra pessoa, não estudante da UFRJ, que more num quarto junto com seu ocupante original.

(o que já esperávamos, inclusive), foi muito marcante constatar que o espaço pessoal que nos rodeia (SOMMER, 1973) pode ser alterado para alguns em função da existência ou não do contato visual.

5.2. Espaço pessoal e territórios: demarcação de domínios

Há quartos no alojamento cujos ocupantes voltam para casa quase todos os finais de semana⁹. Estes são quartos quase vazios, (ver Fig. 3), com pouca ou nenhuma personalização. Vimos um quarto desses em que havia um boneco de pelúcia sobre a colcha da cama, e mais nenhum objeto pessoal além destes dois (o boneco e a colcha). A pouca apropriação desse quarto pelo seu “proprietário” fez com que os seus colegas de módulo “invadissem” o espaço através do uso comunitário deste, é como se esse quarto fosse o “setor social” do módulo. Desta forma, entende-se que as barreiras de comunicação dos domínios são vistas como efêmeras e passíveis de invasão pelo processo de expansão da bolha (espaço pessoal) dos outros ocupantes. O pouco uso, aliado à própria permissão do morador (que como quase não o utiliza, não se sente incomodado por esse uso), fez com que o espaço fosse assim compreendido.



Fig. 3 – Quarto de aluno que reside na cidade do Rio de Janeiro.

5.3. Personalização, identidade e sinais de comunicação sobre o “eu”

A exibição de fotografias pode ser considerada uma das formas mais marcantes de demarcação de território, é como se o ocupante precisasse dizer, explicitamente, quem domina aquele espaço. Também é uma forma de mostrar sua identidade, de exibir o seu “eu”. Uma prática comum entre a maioria dos alunos vistos é a exibição, nos seus quartos, de painéis fotográficos, com a montagem de fotos suas com a família, com os amigos, inclusive os atuais, da faculdade; um nos chamou a atenção por colocar um quadro grande, com uma foto sua quando criança.

Essa personalização do espaço pode ser compreendida pela análise do conjunto de elementos que compõem o quarto, seu tipo de arrumação, disposição, os objetos colocados pelas paredes, pelo piso, sobre os móveis etc. Nesse sentido, podem ser vistos horários das aulas; calendários; figuras com motivos religiosos (que revelam como o aluno se relaciona com as questões espirituais); figuras retiradas de revistas (que podem representar um símbolo da personalidade, do “eu” do indivíduo, pelas imagens com as quais ele se identifica o suficiente para exibí-las); gravuras e adornos feitos pelos próprios alunos, como um móvel de cd ou pinturas feitas diretamente nas paredes (que revelam que o aluno, além possuir algo que lhe é exclusivo, como um objeto ou uma pintura, denota também a sua habilidade em fazer um elemento desse tipo).

Um dos quartos possui um “console” (uma espécie de prateleira) com espelho, apoiando uma

⁹ Mais comumente, isso acontece com aqueles que retornam às suas casas na cidade do Rio de Janeiro, nos finais de semana, e faz com que eles não tenham tantas coisas no quarto, dado que toda semana eles podem ir em casa pegar ou levar objetos e roupas.

estatueta, um candelabro e um arranjo de folhas secas num vaso de vidro (Ver Fig. 4). A composição desses elementos pode estar relacionada ao símbolo de status, desejando (ainda que inconscientemente) remeter a pessoa que está no quarto a um espaço “nobre”. A estatueta, principalmente, pode remeter à idéia de que quem a possui pode ser um conhecedor das artes, detentor de um gosto “mais refinado”.



Fig. 4 – Interior de um quarto: console, espelho, estatueta, e demais adornos.

Podemos assim verificar que os elementos que compõem o ambiente do quarto têm significado e importância na transmissão de informações, ainda que essa não seja uma intenção consciente por parte do ocupante do espaço.

5.4. Identidade pela diferença

Alguns dos adornos encontrados nos quartos relacionam-se com a terra natal do aluno (ex: bonecas com o traje típico da Bahia, no quarto de uma aluna baiana). A respeito da terra natal, também foi mencionada a colocação de mapa na parede (no caso, de um aluno do Piauí). Com a exibição do mapa, o aluno comunica a sua identidade por meio da representação gráfica de um suporte físico (terra natal). Ele o explicita, transmite ao leitor do espaço seu "mapa da mina", onde está enterrado o tesouro de sua infância, de seus familiares, de sua construção da individualidade. O mapa marca e sinaliza o que o torna especial, e, ao mesmo tempo, diferente dos que aqui moram e igual (pertencente ao clã) aos que lá estão. Provavelmente, ao voltar para lá, sua identidade será reconstruída com as diferenças entre ele e os de lá. Por exemplo, é possível que ele venha a colocar no seu quarto na sua terra natal o mapa da universidade, ou do Rio de Janeiro, sinalizando que, dentro do clã de mesma origem, sua identidade se liga ao fato de ser ele “aquele” que estudou na UFRJ. Existe uma dualidade entre diferença e igualdade.

Exibir objetos que se relacionam com a naturalidade do indivíduo demonstra que é significativo para ele exibir suas origens, principalmente porque ele está numa terra estranha no momento. É a afirmação de uma diferença para buscar a sua própria identidade. Segundo Kemp (2001), isto pode ser considerado como uma “identidade contrastiva”:

“Construir uma identidade é dialogar com referências simbólicas disponíveis, as quais só são percebidas quando se descolam de sua pretensa naturalidade. É necessária uma referência a partir da qual pode se comparar. Trata-se da ‘identidade contrastiva’, que surge proposição, implicando a afirmação do ‘nós’ diante do ‘outros’ (...) Diante da diferença, passamos a ter mais de um referencial”. (KEMP, 2001, p.75).

A busca da personalização do seu espaço e da transmissão da sua identidade através do ambiente foi vista não só pela presença de elementos físicos, mas pela sua ausência também. Assim como vimos quartos de alunos que passam quase todos os finais de semana fora do alojamento, vimos também um quarto em que seu ocupante não retorna para casa (ele reside em Minas Gerais, portanto há uma certa distância), mas ainda assim quase não há elementos dispostos no quarto. Mesmo com essa “ausência” de elementos, há uma personalização do espaço. Nesse quarto, o único objeto que pode ser considerado um adorno é um coelho de pelúcia. Além disso, o aluno dorme no chão, porque prefere dispor de espaço para duas mesas no quarto. Na hora de dormir, ele desenrola o colchonete que guarda no topo do armário, o coloca em qualquer lugar no chão e o utiliza. Durante o dia, diz que prefere usar o espaço para outras coisas que não a cama. Essa é uma forma muito marcante de usar o próprio quarto, e de dizer

também: “Este é o meu quarto, aquele que não tem cama” (Ver Fig.5).



Fig. 5 – O quarto que não possui cama.

Outro sinal importante de personalização do território é que neste quarto, há um fogão com botijão (em uso), que são mantidos dentro do armário do aluno. Há uma proibição no alojamento de se cozinhar nos quartos ou nos módulos (quase nunca esta regra é respeitada pelos alunos, devido a fatores financeiros). A grande maioria mantém fogões e até fornos de microondas nas partes comuns dos módulos; uma parcela menor mantém esses equipamentos dentro do quarto, mas esse aluno em especial, o mantém no interior de um armário de madeira (Ver Fig. 6).



Fig. 6 – Um fogão dentro do armário.

Indagado sobre o perigo que ele estava gerando, respondeu que nunca tinha havido nenhum problema, que era só controlar bem o uso, e o que o pior para ele é que não podia fritar batatas, por exemplo, por causa da fumaça que ficava toda concentrada dentro do armário; ele só podia cozinhá-las. Quando perguntado então sobre o motivo do “esconderijo”, respondeu que era devido à proibição. No entanto, percebe-se que é muito além disso; o aluno criou em seu quarto uma atmosfera quase "espartana", tal a organização que lhe imprimiu. Segue-se um trecho do diário de campo sobre seu quarto:

“Ele até chegou a pintar as paredes (já estavam um pouco sujas) de branco, num clima de “branco-instituição”. O quarto estava limpo, com uma arrumação “clean”, e transmitia uma atmosfera quase espartana (...) Sobre a mesa que Aluno 2 usa para estudar, papéis, livros, cadernos (parece ser um tipo de estudo e um estudante organizado) (...) a impressão

que passa é que ele estava estudando e deu uma parada por algum motivo, mas estava tudo bem organizado. Acho que tenho essa impressão porque quando na faculdade de arquitetura, estamos desenhando, temos sempre vários papéis à nossa volta. Também é possível ver uma caixa com envelopes postais, cartões postais, anotações diversas, e ao lado da caixa, sobre um livro, 2 pães franceses. Também uma garrafa de refrigerante 600ml com um pouco de água. Pergunto se posso fotografar o quarto, e ele diz que sim. Pergunto se também posso fotografar o fogão e ele também diz que sim. Aviso-o do caráter acadêmico da pesquisa, mas parece que isso não fez a menor diferença para ele, como se ele não se importasse caso eu o “denunciasse” com o seu fogão embutido”.

Não demonstrar o mínimo de preocupação com a revelação de seu segredo não combina com a postura de mantê-lo secreto, dentro do armário. O que o aluno diz, através de seu quarto, é o quão organizado ele é, ou deseja transparecer. Provavelmente por isso, o fogão, tido como objeto natural do setor de serviço de uma residência, é mantido dentro do armário.

Ainda, no alojamento, há alunos que quando estavam na casa dos pais, nunca dispuseram de um quarto somente para si, tendo sempre que compartilhá-lo com irmãos. Ao se verem com um espaço exclusivo para si próprios, fazem questão de personalizá-lo como não podiam fazer antes. Um dos exemplos disso foi um quarto visitado por nós onde o aluno exibia, na parede, um certificado de conclusão do 2º grau, bem como medalhas de campeonatos de atletismo, conquistadas ao longo do mesmo período (Ver Fig. 7). Quando perguntado o motivo daqueles objetos estarem pendurados na parede, o aluno nos respondeu que sempre quis fazê-lo, mas na sua casa não podia porque o quarto não era somente seu. Guardando as devidas peculiaridades de cada família (que estabelecem suas próprias normas de como os filhos utilizam seus quartos), pode-se perceber que para o aluno em questão, era muito importante demonstrar um pedaço de sua vida, de suas realizações, no seu território. Talvez no seu quarto, na casa de seus pais, se tivesse tido oportunidade, ele personalizaria seu espaço de outra maneira. Mas no alojamento, onde supostamente ninguém conhecia sua vida pregressa, esta foi um das maneiras de personalização do espaço de forma extrema, porque inclui, junto com a própria personalização, uma outra mensagem, sobre o passado de seu ocupante. É como se ele quisesse dizer: "sou um rapaz atlético, vencedor de competições esportivas e estudioso". Ainda, o diploma pode estar assinalando para algum significado referente ao colégio no qual o aluno estudou (identidade- como se fosse o processo de identificação com o time de futebol comentado mais acima) - mas neste caso sua mensagem é incompreendida, pois não detemos o código de tal significado - ou, ainda, poderia ser para assinalar apenas para "iniciados", pessoas que podem conhecer o simbolismo daquele colégio específico, ao qual o aluno faz questão de mostrar que pertenceu.



Fig. 7 – Certificado de conclusão do 2º grau e medalhas de atletismo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este foi um estudo que foi redirecionado ao longo de seu curso. O espaço que inicialmente pensamos ser um local apropriado para analisar diferenças de origens regionais revelou-se inadequado para tal, provavelmente pela sua pouca flexibilidade arquitetônica, pela sua padronização espacial e pelo baixo nível de manutenção existente, o que causa uma insatisfação generalizada entre seus usuários e não fornece muita margem para avaliações diferentes entre si. No entanto, o que foi dificuldade para uma análise se mostrou um campo fértil para outra, a análise da personalização do espaço, como forma de suprir necessidades e marcação de território próprio.

Nesse processo, uma das coisas com a qual nos deparamos foi o nosso próprio etnocentrismo, em escala reduzida, originado no nosso pré-julgamento (e portanto, estranhamento) dos fatos. Quando tivemos conhecimento do tamanho do quarto (1,90m x 4,50m), imaginamos que provavelmente o aluno só ocuparia seu espaço com objetos funcionais (BAUDRILLARD, 1997): móveis básicos, como cama, mesa e cadeira, além de objetos que utiliza quando está estudando, como livros, canetas, calculadoras etc. Com muita surpresa, vimos vários quartos repletos de elementos não relacionados diretamente ao ato de estudar, como visto no item anterior.

Assim como nos diz Rapoport (1977), o valor pessoal confere significado ao espaço. Isto pôde ser visto nos quartos do alojamento que, apesar de serem iguais, representavam espaços completamente diferentes um do outro. Essa diferença espacial lhes foi conferida pelo seu ocupante, que possui o domínio do território, e que nele expressa seus valores, suas crenças, **sua bagagem cultural de vida**, enfim. Foi espantoso ver a capacidade do ser humano de, ao ocupar um espaço, imprimir nele a sua marca, por menor que fosse esse espaço.

A utilização de uma análise etnográfica auxiliou na compreensão do significado dessa personalização, pelos objetos utilizados, pela sua disposição, pelas mensagens não explícitas no discurso do usuário. Assim, cada quarto passou a ter um significado, a trazer uma espécie de “legenda” (ou várias delas até), que está diretamente relacionada com o seu ocupante. Essa constatação pode ser vista em qualquer ambiente onde haja um ocupante humano. No entanto, em espaços menores, como são os quartos do alojamento, isso se torna mais expressivo, porque a não disponibilidade de espaço – e também de recursos financeiros, cabe ressaltar – poderiam funcionar como entraves à personalização, e apesar disso ela acontece plenamente, juntamente com a apropriação e a demarcação de território.

Este exercício de leitura espacial, na tentativa de decodificação dos significados dos elementos usados na personalização dos ambientes, é fundamental para a compreensão dos valores adquiridos pelo espaço, podendo auxiliar no conhecimento dos seus usuários, fornecer diretrizes para intervenções físicas no local e subsidiar a concepção de novos projetos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maristela M. **Análise das interações entre o homem e o ambiente: estudo de caso em agência bancária**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. 3ª ed. São Paulo:Perspectiva, 1997.

CORREIA, D.; PEREIRA, L.; BARRIENTOS, M. & ROCHA, R. **Avaliação de desempenho do alojamento de estudantes da UFRJ**. Trabalho desenvolvido na disciplina Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído, PROARQ/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

DUARTE, Cristiane R. de S. **Intervention publique et dynamique sociale dans la production d'un nouvel espace de pauvreté urbaine: Vila Pinheiros, Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Université de Paris I - Sorbonne, Paris, 1993.

EDGERTON, Robert e LANGNESS, Lewis, L. **Methods and styles in the study of culture**. San Francisco: Chandler & Sharp, 1974.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

FISCHER, Gustave.N. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda, 1994.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **A linguagem silenciosa**. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

KEMP, Kênia. Identidade cultural. In: GUERRIERO, S. (org.) et. alli. **Antropos e psique – o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Olho D'água, 2001, pp. 65-86.

MARCUS, Claire C. The house as symbol of the self. In: LANG, J.; BURNETTE. C.; MOLESKI, W. & VACHON, D. (Orgs.), **Designing for human behavior**. Stroudburg, PA: Dowden, Hutchinson, & Ross, 1974, pp. 130-146.

PENNA, A.P.; ABRANTES, M. e CIRROTA, P. **Avaliação de desempenho do alojamento estudantil da UFRJ através da aplicação de mapas cognitivos**. Trabalho desenvolvido na disciplina Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído, PROARQ/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

RAPOPORT, Amos. **Human aspects of urban form**. Oxford : Pergamon, 1977.

_____. **Pour une anthropologie de la maison**. Paris: Dunod,1972.

SANTOS, A.L.V. e DUARTE, C. R. Casas invisíveis: um estudo dos espaços da população de rua do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P. (org.) **Projeto do lugar – colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. pp 273-281.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

SPRADLEY, James P. **Participant observation**. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1980.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.07-72